



# Até que enfim

*Clara Ferreira Alves*

PODERIA SEMPRE COMEÇAR PELA IDEIA DA MADRUGADA, ou de alvorada. A ideia de que durante a noite a ordem do mundo se tinha refeito e os constrangimentos vários da vida se tinham dissipado na neblina matinal. Na alvorada, o sol nascera e limpara as teias de aranha, a manhã

desatara os nós das amarras. Abril cola bem com alvorada. Lembro-me de pensar em primeiro lugar que todas as prisões têm uma porta e em segundo lugar que a porta da prisão estava aberta. Para uma mulher, antes do 25 de Abril, a prisão era de porta dupla, com fechaduras ferugentas e trancas pesadas. Eu andava por aquele tempo no primeiro ano da Faculdade de Direito de Lisboa, cúmulo de uma educação no liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, que era considerado o refinamento da repressão e disciplina. Um liceu, à época, só para meninas, e onde os rapazes não podiam chegar perto. No primeiro ano do liceu, os rapazes, se bem me lembro, eram ainda obrigados a manter entre as suas pernas e o vetusto edifício da Rodrigo da Fonseca um distância regulamentar de centenas de metros. No entanto, descontada a tolice de algumas professoras, contrabalançada pela inteligência subversiva de outras, o liceu nunca me incomodou tanto como a faculdade. A faculdade tinha um ou dois professores, mais tardes chamados fascistas embora não passassem de machistas atacados pelo vírus da debilidade mental, que insistiam em torturar as mulheres do primeiro ano do curso de Direito. Um curso, achavam eles, talhado para calças e masculinos talentos e vocações. O mais gordo dos dois, um velho de olho lúbrico e iras boçais, que achava o Código Civil de 66 insuportavelmente liberal em matéria de direitos e deveres das mulheres na sociedade civil, insultava as alunas que apanhava pela frente e que demonstravam fragilidades ou, o mais frequente, terror. Uma delas, uma aluna mais velha, casada e mãe de filhos e que estava a tirar o curso fazendo enormes sacrifícios, era a sua vítima favorita. Um dia, afiando os aparos da maldade com perguntas irrespondíveis e velhacarias várias, o velho conseguiu dizer a frase que trazia guardada nas dobras do cérebro definhado: a senhora não acha que se enganou de faculdade? Não seria melhor ir para



© EMANUEL GARCIA

aquela ali em frente, mais adequada ao feitio e inteligência das senhoras? Ou então ir para casa, coser as meias do marido e fazer malha? A aluna engoliu a humilhação com as lágrimas e não respondeu, sentando-se envergonhada. Em frente, a faculdade era de Letras, e o velho adorava mandar para lá os desistentes de Direito.

Naquele dia, tive ódio ao velho e a mim mesma, por não ter a coragem de me levantar e o insultar, por sermos tão cobardes, tão conformistas, tão cheios de medo da autoridade. Nas aulas práticas voluntárias e «excedentárias», que sua senhoria fazia o favor de dispensar e a que éramos obrigados a assistir sob pena de represálias, o velho gordo babava-se com frases do género: «Imagine a senhora que éramos os dois casados...» e por aí fora. E depois explicava a importância do débito conjugal no Código Civil, mais ou menos a obrigação de a mulher ter relações sexuais com o marido, independentemente da sua vontade. A violação consentida, imposta por lei. E etcétera, etcétera.

Com o 25 de Abril, tudo isto acabou. Deixámos de ter medo, corremos com o velho da Faculdade, e seviciámos o carro dele. Eu gostaria de o ter seviciado a ele mas o velho nunca mais por lá apareceu. E eu acabei por ir terminar o curso a Coimbra.

O 25 de Abril ensinou-nos a libertação antes de nos ensinar a liberdade. E deu-me a certeza de que a autoridade baseada na força não aguenta a pressão do dedo justiceiro da dignidade humana.